

Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio

**Maria Cristina de Sousa Pimentel
e Nuno Simões Rodrigues (Coords.)**

DIDO EM VIRGÍLIO E OVÍDIO: FIGURAÇÕES DO PODER NO FEMININO

CLÁUDIA AFONSO TEIXEIRA
Universidade de Évora

A abordagem crítica das *Heroides* de Ovídio tende a dividir-se em três perspectivas mais ou menos isoladas: a primeira procura explorar os intertextos do *corpus*, de forma a estabelecer paralelos com outras obras literárias; a segunda situa-se no âmbito dos *gender studies* e explora as matérias afins daquela que é por muitos considerada a grande originalidade ovidiana, ou seja, a criação de um autor textual feminino; e a terceira explora os textos em relação ao contexto mitológico em que se inserem¹.

A evidente relação entre a *Heroidum Epistula VII* de Ovídio e o seu intertexto virgiliano situa privilegiadamente o âmbito desta comunicação no quadro da primeira perspectiva, que assume como pressuposto a relação entre o texto ovidiano e a tradição que a precede², sendo, neste capítulo, a composição que, no conjunto da obra, mais unanimidade recolhe na consideração de que o seu entendimento global implica a leitura do livro IV da *Eneida*.³ Podemos

¹ FULKERSON (2005) 8-9: «The first seeks to explore the intertexts of the corpus, to find verbal or situational parallels in other poems outside the collection. The second approach consists of genre studies, explorations of the epistolary or elegiac aspects of the poems. The third approach, perhaps the single most promising way to read the *Heroides*, discusses individual poems within their mythological context and explores the ensuing results.»; TARRANT (2006) 25 observa que «Ovid's Dido may not have read the *Aeneid*, but she displays a clarity about herself that results from her curious position, at once pre-Virgilian (in the fictive moment of her writing) and post-Virgilian (in the experience of Ovid's readers). Recalling Aeneas' narrative of his past, she wryly observes that he had already shown his faithlessness by abandoning Creusa at Troy (83-5). When she reflects on her encounter with Aeneas in the cave, Ovid gives her an awareness of the event's meaning that in Virgil is reserved to the narrator (93-6, cf. *Aen.* 4, 169-72), and even allows her to "correct" the facts as related in the *Aeneid*, if only at the rhetorical level ("I thought it was the nymphs howling" – as Virgil says it was – "rather the Eumenides were giving the signal for my doom"). Virgil's Dido lamented that she had no 'little Aeneas' to console her for the loss of her lover (*Aen.* 4, 327-30); Ovid, ever the realist, knew that certainty on that score was not possible, and has his Dido warn Aeneas that her death could doom his unborn child (133-8). At least once, though, Ovid plays on his character's ignorance of Virgil to pathetic effect, when she predicts that Aeneas will yield «unless you are more unbending than the oak-trees" (52); a famous simile (*Aen.* 4, 441-9) comparing Aeneas to an oak that is battered but stays firm would have shown her the futility of that hope.»

² FULKERSON (2005) 14: «A focus on the mythological histories of the heroines brings with it the necessity of concentrating on intertextuality. Because these heroines exist prior to the *Heroides* in various textual incarnations, it is impossible to avoid comparing the characters in the poems to their predecessors, even when those predecessors exist only in fragments.»

³ ANDRÉ (2009) observa, a este respeito: «Poderá dizer-se que (...) Ovídio não é propriamente original, já que tais interpretações colhem inspiração em conhecidas versões dos respectivos mitos. Não é isso, porém, o que está aqui em causa ou, pelo menos, não é apenas isso. O que merece ser destacado é o facto de Ovídio ter decidido juntar num só livro, numa estrutura coerente e em obediência, por certo, a um desígnio premeditado, um conjunto de episódios míticos onde as mulheres que neles intervêm assumem inequívoco protagonismo; e, o que é mais importante, o poeta deixa-as a narrar, na primeira pessoa, a sua versão dos factos. Essa, sem

de parte quaisquer especulações relativas a uma eventual apropriação da história a partir de Névio, pois parece consensual que Virgílio, mesmo que tivesse conhecido Dido através de Névio,⁴ colhe a matéria relativa à rainha de Cartago numa antiga versão do historiador grego Timeu de Taormina (ca 356-260 a.C).⁵ Esta tradição pré-*virgiliana* continha já, em linhas gerais, os antecedentes eneiádicos do exílio, da fundação de Cartago e a subsequente morte da rainha. Virgílio limita-se, deste modo, a inserir estes elementos na *Eneida*, refigurando, no entanto, componentes da história, em ajustamento ao quadro poético da sua épica.

A Dido ovidiana, na *Heroidum Epistula VII*, não constitui, à semelhança da sua congénere eneiádica, uma criação a partir de elementos da tradição pré-*virgiliana* que muito provavelmente ainda fariam parte «of the poetic memory for Augustan poets.»⁶; constitui, pelo contrário, uma criação literária que se revela intencionalmente centrada na evocação da *Eneida*, em uma apropriação que, em última análise, a situa, de acordo com Genette, como prática artística de segundo grau ou prática hiperartística.⁷

No entanto, se o paralelismo das situações narradas em ambos os autores permite a constatação de que a Dido ovidiana se revela intencionalmente centrada na evocação do texto virgiliano, a leitura intertextual dessas versões desfaz o plano imediato da citação, entendida como «elogio», para trazer à colação uma leitura conflituante, que actualiza o preceito da simultânea relação de proximidade e de separação, subjacente ao plano intertextual.

Tal não significa, no entanto, que o plano desse conflito traduz duas versões de Dido tão distintas a ponto de se poderem sintetizar em modelo dualizado, semelhante ao das tradições biográficas de figuras como, por exemplo, Marie Antoinette, senhora de grande sentido político e entendimento cabal das situações em alguns textos, e vítima de circunstâncias que não entende, noutras versões, cuja leitura deu corpo, entre outros, ao conhecido filme de Sofia Coppola. Deste modo, não se trata evidentemente de saber qual das duas Dido, se a *virgiliana* ou a *ovidiana*, poderia ter dito qualquer coisa semelhante a *S'ils n'ont pas de pain, qu'ils mangent de la brioche*, pois o foco diferencial entre as heroínas não reside na configuração valorativa da personagem, mas na diferença do relevo dado ao elemento político na caracterização das rainhas.

dúvida, é a sua grande originalidade, numa subtil estratégia, porventura eivada de ironia, que, por isso mesmo, pode ter passado despercebida aos seus contemporâneos.»

⁴ CONTE (1986) 152: «Virgil probably found Dido in Naevius, but the *Bellum Poenicum* certainly did not contain the substance of the fourth book of the *Aeneid*. In Naevius Dido can hardly have been more than a device for taking the date of the historical conflict between the two peoples back to a mythical age.»

⁵ Além da fonte aduzida (Timeu, *FGrHist* 566 F 82), a história de Dido foi desenvolvida por Énio *fr.* 269; e Trogo, transmitida por Just., *Epit.* 16, 4–6.

⁶ DESMOND (1994) 33.

⁷ GENETTE (1997) 384: «(...) every object can be transformed, every manner imitated, and no art can by nature escape those two modes of derivation that define hypertextuality in literature and more generally define all second-degree artistic practices, or *hyperartistic* practices.»

Em Virgílio o retrato de Dido, no livro I, acomoda-se a um modelo político paradigmático (Dido orienta a construção da cidade, administra a justiça e dá as leis) e a sua queda resulta, em grande parte, da desmaterialização desse modelo. O progressivo desaparecimento da caracterização da rainha de duas das virtudes que, na Antiguidade, constituíam apanágio do bom monarca – o auto-controlo e a abstinência de prazeres – dá corpo a um movimento que a transforma de boa governante em figura dominada pelo *amor*: assim, no início do livro IV, o abandono da construção da cidade é visto como a primeira consequência negativa do enamoramento da rainha por Eneias;⁸ a partir deste momento, os restantes efeitos da sua deterioração política são-nos apresentados por Virgílio em ajuste à transformação da personagem, que rapidamente passa de um estádio dominado pelo *amor* a outro estádio dominado pelo *furor*. As comparações com personagens da tragédia como as Bacantes (4, 300-303), Orestes e Penteu acompanham o esvaziamento da sua dimensão política, sentido bem ilustrado pelo seu sonho, no livro IV, no qual reiteradamente se vê, sozinha, a procurar os Tírios em terra deserta, e pela constatação final da impossibilidade de retomar as suas funções políticas em 4, 545-546:

*quos Sidonia uix urbe reuelli,
rursus agam pelago et uentis dare uela iubebo?*

«conduzirei de novo ao mar e ordenarei que de novo dêem velas ao vento
aqueles que eu a custo trouxe da cidade de Sídon?»

A reacção à partida dos Troianos sintetiza o movimento de degradação política, em perspectiva causal relativamente ao decurso dos acontecimentos, ao reiterar a sua culpa por ter confiado a Eneias as suas funções (4, 596-597):

*Infelix Dido, nunc te facta impia tangunt?
Tum decuit, cum scepra dabas.*

«Desventurada Dido, é agora que a impiedade te abala?
Era nessa altura que convinha, quando entregavas o ceptro.»

Neste sentido, a figura de Dido representa, no plano intradieético da *Eneida*, o contraponto da evolução de Eneias, pois, como observa Cairns, se «Both Aeneas and Dido are represented in book 1 as good monarchs. In book 4, Dido deteriorates into a bad monarch, while Aeneas [precisamente porque demonstra um elevado grau de acomodação ao cumprimento da missão] emerges at its end as an improved good king»⁹. Além desta relação, o episódio revela uma forte componente de referencialidade histórica, não só porque Dido facilmente se acomoda à função de modelo evocativo e paradigmático

⁸ *En. 4, 86-89: Non coepta adsurgunt turrets, non arma iuuentus / exercet portusue aut propugnacula bello / tuta parant; pendent opera interrupta minaeque / murorum ingentes aequataque machina caelo.*

⁹ CAIRNS (1989) 38.

das relações políticas entre Roma e Cartago, explicitamente mencionadas em 4, 622-629,¹⁰ mas também porque Dido funciona como uma figura evocativa de Cleópatra. Como observa Desmond, «Roman perception of Cleopatra's role in the events culminating in the battle of Actium and the establishment of empire resonated powerfully with Dido's use of the phrase *litora litoribus contraria*. (...) Within the geopolitics of empire, Cleopatra's challenge was seen as a feminine, sexualized, oriental threat to centralized Roman power. As Ronald Syme has shown, Augustus worked to focus Italian attention not on his rival for supreme power – Anthony – but on fears that Anthony intended to “subjugate Italy and the west under the rule of an Oriental queen.»¹¹

Se Virgílio, na esteira da tradição pré-*virgíliana*, constrói Dido como modelo político, Ovídio desenha-a em ajuste às exigências do amor elegíaco¹², inaugurando, no contexto da história da literatura, a longa tradição que retira a rainha de Cartago do contexto global da *Eneida* e desenvolve variantes da sua história a montante do sentido que aúfere na épica de Virgílio.

Esta diferença vai permitir modificar o ponto de vista que cada uma das rainhas mantém em relação aos acontecimentos passados¹³ e que, em Ovídio, se vai desenvolver sob a forma de releitura crítica¹⁴ dos factos ocorridos na *Eneida*. Esta releitura, porquanto revivifica a correlação, amplamente inscrita na matriz eneiádica, entre o herói e Augusto, levanta, por extensão, a questão da natureza anti-augustana da carta da heroína e, em última análise, da visão do próprio poeta.

Assim, se, no tocante à estruturação dos factos da narrativa, Ovídio segue Virgílio, o mesmo não acontece no tocante à exploração do ponto de vista da rainha. Essa modificação é possibilitada por três factores: em primeiro lugar, pela própria estrutura retórica das *Heroides*, que, despojada do peso de representação dos acontecimentos, se centra apenas no comentário retórico sobre os eventos narrados; em segundo lugar, pelo facto de Ovídio ter conferido a Dido um *status* informativo mais alargado, que a autoriza a reescrever os factos ocorridos na *Eneida*; em terceiro lugar, pela possibilidade que a elegia lhe dá de se afastar do quadro normativo da épica, que, no livro IV, sobrepôs a decisão de Eneias e os ditames do *fatum* às razões discursivas defendidas pela rainha. Neste sentido, a amplificação retórica do lamento eneiádico, agilizada

¹⁰ Tum uos, o Tyrii, stirpem et genus omne futurum/ exercete odiis, cinerique haec mittite nostro/ munera. Nullus amor populis nec foedera sunt./ Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor/ qui face Dardanios ferroque sequere colonos,/ nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires./ Litora litoribus contraria, fluctibus undas / imprecor, arma armis; pugnent ipsique nepotesque.

¹¹ SYME (1939) 270.

¹² Sobre as características do género em Ovídio, vd. HARRISON (2006) 79-94.

¹³ Neste sentido, parece pertinente a observação de KNOX (1994) 133 de que «Ovid has reconfigured his heroines so as to invite the readers to respond to his models as literary critics.»

¹⁴ PINHEIRO (2001) 46 observa que: «O sentimento de rejeição que Dido experimenta faz com que Eneias seja caracterizado de forma negativa. O abandono produz, assim, as circunstâncias psicológicas que definem a disposição com que Dido escreve. É por esta razão que a rainha aponta como principal obstáculo para o seu discurso a insensibilidade de Eneias reconhecendo, assim, desde o início, a inutilidade das suas palavras»

por estes factores, permitiu-lhe centralizar o ponto de vista da heroína numa relação que se revela senão contraditória, pelo menos distorcida¹⁵, em relação ao ponto de vista construído por Virgílio¹⁶.

O desenvolvimento dessa distorção, que poderia, apesar de tudo, revelar-se inconsistente em relação aos factos narrados, beneficia, no entanto, em abono da sua coerência interna, do facto de Ovídio ter recuperado para protagonista da sua Heróide apenas a Dido que Virgílio desenha antes do fecho do livro IV da *Eneida* (a *Dido amans*), despojada dos elementos políticos que a caracterizavam, sobretudo no livro I. Exemplos dessa modificação constituem, entre outros, o sugestivo contraste entre o epítáfio da *Heroidum Epistula VII*, em que Dido menciona apenas as causas imediatas do seu suicídio (*Praebuit Aeneas et causam mortis et ense*) e a passagem análoga da *Eneida* (4, 653-56), na qual a rainha menciona também as suas conquistas na qualidade de líder (*Vrbem praeclaram statui, mea moenia uidi / ultra uirum poenas inimico a frate recepi, / (...) Moriemur inultae, / sed moriamur*). Outro contraste significativo constitui a amplificação do desejo de descendência, que, na *Eneida* (4, 328-29), parece firmar a «expression of her desire to compel Aeneas to honor his obligations to her»¹⁷ e que leva Monti à consideração de que «Dido speaks like a Roman dynast»¹⁸, ao passo que, em referência análoga no texto ovidiano, Dido «pointedly explores the possibility of this hypothetical pregnancy from a maternal, not a political, point of view»¹⁹.

E só a título de curiosidade, valerá a pena mencionar que a construção deste ponto de vista, que, em última análise, coincide com a construção de um ponto de vista feminino, levou à produção de teorias que defendem a consideração de que Ovídio assume, no seu texto, a perspectiva das leitoras femininas de Virgílio, que, muito provavelmente, se poderiam identificar com a mulher culta que Juvenal menciona de forma misógina na sexta sátira²⁰, quando diz que ao lerem Virgílio lêem apenas Dido.

No entanto, se a transformação em *amans* que Ovídio opera sobre a sua personagem, a que o enfatizar do *pathos* proporcionado pelo contexto elegíaco

¹⁵ KENNEDY (2002) 226 indica que «The Dido of *Heroides* 7 contradicts Virgil, and does so, in terms of her “authorial” chronology, “before” Virgil writes.»

¹⁶ PINHEIRO (2001) 45 observa que «Dido reinterpreta a Eneida. Sem a presença de Eneias ou de um narrador, é a perspectiva de Dido que se impõe. São a sua individualidade, os seus sentimentos e emoções que assumem na epístola o núcleo argumentativo que gera o discurso, discurso que se torna unívoco e parcial». GRAF (2006) 112 observa ainda que «But more important than the experiment of the *Heroides* is another function of mythical narrative. Its role as a discursive tool about emotion and experience made it as ideal for providing a template and standard in expressing new experience as for proving a point. This explains the frequent use of mythical *exempla* in a genre that had persuasion as one of its major rhetorical aims and dealt with experiences that were new in Roman literature: love elegy, from Catullus’ marvellous poem 68 to Propertius 27.»

¹⁷ DESMOND (1994) 42.

¹⁸ MONTI (1981) 42, cit. por DESMOND (1994) 42.

¹⁹ DESMOND (1994) 42.

²⁰ *En.* 6, 434-5: *illa tamen grauior, quae cum discumbere coepit / laudat Vergilium, periturae ignoscit Elissae.*

confere reforço, determina a mudança de tom no substrato discursivo da rainha, essa alteração revela-se perfunctória, em comparação com os resultados mais profundos do distanciamento de Dido do contexto político da *Eneida* e do apagamento da sua identidade como *dux*. Com efeito, se, na *Eneida* virgiliana, Dido sente o êxito de Eneias como um contrapeso ao seu próprio inêxito, em Ovídio o esvaziamento do plano político apaga a necessidade de uma auto-crítica formulada nesses termos e dá-lhe total liberdade para comentar as políticas de império expressas pela *Eneida* virgiliana, sem o perigo de que, sobre si, recaia o mesmo tipo de julgamento. E esta aquisição possibilita que a carta de Dido passe a ser lida não apenas como uma derivação poética da raiz eneíadica, mas como uma carta que se revela, na sua essência, hostil em relação à *Eneida*.²¹

Essa perspectiva materializa-se textual e ideologicamente no ataque que Dido faz aos planos mais profundos da épica virgiliana. O primeiro desses planos coincide precisamente com a definição de herói virgiliano, que Dido se esforça por desconstruir. Poder-se-á objectar que à natureza de um discurso, que é afinal um discurso motivado pela rejeição, subjaz sempre um alento transformador do amor em ódio e do ente amado em indivíduo corrupto e imoral. Mas, até neste particular – e a despeito de Ovídio retratar a sua rainha apenas como *amans*, o que poderia galvanizar a impetuosidade dessa transformação –, Dido não apresenta nem a fúria, nem o desespero, nem a irremediável sede de vingança que a caracterizam em Virgílio. Os sentimentos virgilianos são claramente apagados do lamento ovidiano, quando Dido afirma não odiar Eneias (v. 29) e se culpa a si própria pela sua queda (v. 28)²², em um movimento de dissídio entre forma e conteúdo: se a forma é emotiva, o conteúdo é, senão racional, pelo menos resultado de racionalização²³. A desconstrução de Eneias não radica, assim, em elementos emotivos, mas na releitura distanciada do próprio texto virgiliano, por uma Dido que, no momento em que se encontra, aufere de um novo entendimento das situações nele narradas. Testemunho desse novo entendimento, constitui, por exemplo, a recriminação que Dido, entre os versos 79 e 84, faz ao herói por ter abandonado Creúsa a uma morte cruel às mãos dos Gregos (84: *occidit a duro sola relictá uiro*). Para o leitor da *Eneida*, como nota Desmond, «Creusa's loss clearly results from Aeneas's decision that his father

²¹ Cf. DESMOND (1993) 56–68.

²² Vd. DESMOND (1994) 38: «The anger expressed in the extreme and sometimes desperate rhetoric of Virgil's Dido (4.600–602) is erased from the lament of Ovid's Dido, who says that she does not hate Aeneas (29). Ovid's Dido blames herself for her foolishness (*stulta* 28), which tempers her discourse.»

²³ PINHEIRO (2001) 58 observa, a este propósito, que «Na obra de Vergílio, a fatalidade da morte da rainha é provocada pela incapacidade de interpretar a narrativa de Eneias nos livros II e III e as implicações do destino deste. É necessário que Dido não compreenda a inevitabilidade da partida, que, com a ajuda de Ana, se iluda com a esperança de um casamento próspero. Na *Heroidum Epistula VII*, pelo contrário, Dido mostra-se mais esclarecida na forma como analisa as circunstâncias da partida de Eneias. Reconhece desde o início da epístola que os deuses ou um dos deuses não está do seu lado: *aduerso mouimus ista deo* (v. 4). Parece, assim, identificar ou sentir a conspiração de Vénus e Cupido narrada na *Eneida*.»

and son deserve protection before his wife.»²⁴ Mas, se esta preferência pelo Pai pode ser entendida à luz «da valorização dos antepassados enquanto um bem inestimável, coadunando-se com o que os romanos entendiam por *pietas* e *mos maiorum*»²⁵, em Ovídio, Dido «realizes that the story of the abandoned Creusa should have alerted her to beware of Aeneas.»²⁶

No que respeita aos fundamentos da épica virgiliana, a primeira das situações sujeitas ao entendimento desconstrutor de Dido consiste precisamente na situação que fez de Eneias herói paradigmático da *pietas*: fora mentira (81: *omnia mentiris*), afirma Dido, que Eneias carregara às costas Pai e Penates durante a *suprema nox* troiana. Mais do que a acusação de mentira e hipocrisia, o que ressalta nesta interpretação do texto virgiliano é o arrasar das fundações de um estatuto heróico firmado em ajuste aos valores da romanidade. E, neste sentido, «(...) Dido implicitly questions whether Aeneas's presentation of himself as *pious Aeneas* (1.378) provides a valid category for understanding his character and motivations in the text as a whole.»²⁷

A desconstrução do plano épico continua através do questionamento da natureza da missão eneiádica. Em Virgílio, Eneias consubstancia a necessidade de abandonar Cartago em argumentos que se ajustam ao quadro normativo da épica. A legitimidade da partida da cidade é agilizada por um conjunto de obrigações morais e pelos deuses. Plano divino e devoção ao dever conjugam-se, assim, na criação clara e absoluta de um imperativo a que o herói se vê impossibilitado de desobedecer.

No comentário ao passo em Ovídio, Dido racionaliza um conjunto de objecções a esse imperativo, que o estado de ira que a dominava na *Eneida* lhe não permitiu clarificar (4, 365-87). Essas objecções não põem apenas em causa a pertinência dos factores que Eneias menciona (a mensagem do Pai, a necessidade de procurar um reino para Ascânio e a vontade dos deuses), mas lançam também o descrédito sobre os ditames do plano divino que, em Virgílio, se assume como o elemento que, inquestionavelmente, define a obrigatoriedade e a irreversibilidade da missão eneiádica, bem como os seus limites *a quo* e *ad quem*, quer físicos quer ideológicos. Em Ovídio, Dido comenta, em 143-144, ironicamente a relação do herói com os deuses. A referência ao teor de uma protecção divina, que não isenta o herói de enfrentar uma viagem perigosa e longa, constitui um desafio à «adequacy of the divine plan as an explanation for human action»²⁸. Por outro lado, também o sentido do dever, que na épica se materializa como uma das facetas que definem quer o estatuto heróico de Eneias, quer os pressupostos da sua relação com os deuses, é igualmente posto em causa por Dido, na medida em que, na sua perspectiva, esse sentido de dever deveria revelar-se mais acomodado à sua condição de fugitivo. É, com efeito, nesta lógica representativa das necessidades de Eneias e não «in abstract

²⁴ DESMOND (1994) 39.

²⁵ RODRIGUES (2005) 77.

²⁶ FULKERSON (2005) 54.

²⁷ DESMOND (1994) 41.

²⁸ DESMOND (1994), 41.

terms of *amor and patria*»²⁹, que Dido, no verso 158, lhe oferece Cartago: *hic pacis leges, hic locus arma capit*.

Neste sentido, «In questioning the abstract values to which Aeneas appeals and in mocking his excuses that the gods have ordered his departure from Carthage, Ovid's Dido ultimately exposes the imperial values to which Aeneas refers in his justification for his departure.»³⁰

Assim, os elementos que ressaltam do lamento de Dido colocam a questão de se o quadro da elegia de amor latina pode providenciar um contexto a partir do qual é possível criticar a já de si problemática representação dos valores da épica. No tocante a Dido, a natureza psicológica e emotiva da sua carta poderia facilmente relegar a crítica a Eneias para o mero plano das sensibilidades. No entanto, talvez um dos aspectos mais importantes das *Heroides* seja «the authority they grant to their reader, (...) who must decide whose version of events to believe – the traditional story or the new “feminine” reading offered here. Ovidian characters are thus (...) concerned with the truth of the stories they tell and with issues of interpretation internal to the text.»³¹

E, neste sentido, a desconstrução cirúrgica que Ovídio permite a Dido, precisamente no tocante às facetas que materializam Eneias como *heros primus* do mundo romano – o sentido do dever e a relação com os deuses –, faz com que o herói virgiliano, sobre cujo retrato Virgílio lançara igualmente sombras, perca grande parte da sua grandeza mítica.

Mais problemática é, no entanto, a questão de saber se a crítica à representação dos valores da épica e ao seu herói pode traduzir uma crítica às políticas e à figura do imperador, cuja identificação com Eneias rapidamente ultrapassou as fronteiras da *Eneida* e se estabeleceu como mito emergente em Roma: «No tempo de Augusto, o mesmo período em que Virgílio dá vida à figura de Eneias como o primeiro grande herói de Roma, o príncipe troiano é glorificado como um modelo do novo estado, um verdadeiro *pater Aeneas*, prefiguração do próprio Augusto. Ao nível iconográfico, por exemplo, no foro augustano, [Eneias] é representado com trajes romanos coevos do *princeps* e não do período troiano, ao contrário da forma como se representa o pequeno Ascânio. (...) Há que não esquecer que estas imagens da mitologia tinham uma grande difusão, tanto ao nível público, como privado, desempenhando um papel de extrema importância ao penetrarem profundamente na consciência das camadas populares.»³² Essa identificação fazia parte da agenda ideológica de Augusto, que assentava tanto na ideia de que a nação romana chegara a uma nova idade de ouro, como na celebração de deuses e heróis relacionados com Augusto e com a sua família (como Eneias e Rómulo) e até com as suas

²⁹ DESMOND (1994) 42: «Ovid's Dido punctuates her commentary on Aeneas's sense of duty when she offers Carthage to Aeneas, not in abstract terms of *amor and patria*, but in terms slightly devalued and more representative of Aeneas's needs as a fugitive: “*hic pacis leges, hic locus arma capit*” (158).»

³⁰ DESMOND (1994) 42.

³¹ FULKERSON (2005) 54.

³² RODRIGUES (2005) 78.

políticas (de que são exemplo as *Ilithyae*, deusas que poderiam representar a sua legislação moral), como observa Davis³³, em estudo recente, no qual tenta demonstrar que os escritos de Ovídio, inclusive a sua poesia erótica, deixam transparecer um ponto de vista anti-augustano no que concerne à identidade Romana.

Neste sentido, a figura de Eneias, desenhada na *Heroidum Epistula VII*, dificilmente constituiria apenas um acesso ao mito estabelecido de Eneias como herói fundador, dissociado do acesso ao novo mito emergente da identificação entre o herói e Augusto.

Apesar desta nova relação propagandística entre Eneias e Augusto não ser certamente desconhecida de Ovídio, uma resposta cabal à questão de se o poeta, através da sua Dido, hostilizou Eneias consciente dessa relação ou se, pelo contrário, a sua Heróide consubstancia apenas a releitura intertextual de um texto literário, sob o prisma de um olhar feminino, não a poderemos obter. Apesar das muitas leituras produzidas acerca das relações entre Ovídio e Augusto, qualquer tentativa de resposta a estas questões colhe certamente outras tantas em contrário.

Partilhando, no entanto, da chamada visão pessimista da *Eneida*, que realça a ambivalência do poema em relação à natureza de Roma e as fragilidades inerentes ao processo histórico que nela se desenha, enquanto caminhada para a construção de uma ordem sediada nos fundamentos éticos, morais e políticos da sociedade romana, talvez possamos concluir, sem audácia excessiva, que Ovídio possa ter sido também um dos intérpretes dessa posição, na medida em que, por meio da sua Dido, não deixa de lançar um olhar amplificador sobre as contradições expressas na própria *Eneida*, bem como sobre a noção de poder que esta aparentemente representa.

³³ DAVIS (2006), esp. cap. 4, 49-70.